

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

O PALEOLÍTICO MÉDIO DE S. JULIÃO DA BARRA: A INDÚSTRIA LÍTICA DOS DEPÓSITOS FLÚVIO-MARINHOS INTERVENCIONADOS NO ÂMBITO DA CONSTRUÇÃO DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CARCAVELOS

João Luis Cardoso¹, Pedro Peça², Raquel Santos³

RESUMO

No âmbito das Medidas de Minimização de Impacte Arqueológico, a empresa Neoépica, Lda. foi contratada para a realização de um conjunto de sondagens arqueológicas na empreitada do Campus Universitário de Carcavelos (Cascais). Implantado num terreno entre o Forte de S. Julião e a Quinta de S. Gonçalo, ali foram realizadas 10 Sondagens, por forma a fazer o diagnóstico do potencial arqueológico deste terreno. Em 3 destas sondagens, contíguas, foi identificado um depósito, de matriz aluvionar, com concentração de seixos quartzíticos *in situ*, assim como elementos basálticos, onde se recolheu o conjunto de artefactos de pedra talhada aqui estudado. Avulta o aproveitamento de seixos quartzíticos, onde predomina a exploração simples, uni e bifacial destes suportes, com a presença relevante da técnica levallois, que faz reportar, de forma global, ao Paleolítico Médio, o conjunto em apreço.

Palavras-chave: Paleolítico Médio, “Tirreniano”, Foz do Tejo.

ABSTRACT

Within the scope of the Measures of Minimization of Archaeological Impacts, Neoépica, Lda. was contracted to carry out a set of archaeological surveys in the future University Campus of Carcavelos (Cascais). Implemented on a plot of land between the S. Julião Fort and S. Gonçalo Farm, ten surveys were carried out, in order to make a diagnosis of the archaeological potential of this area. In 3 of these surveys, contiguous, a deposit of alluvial matrix was identified, related to a Tirrenian sea level with concentration of quartzite pebbles *in situ*, as well as basaltic elements.

The group of stone artifacts is dominated by the use of quartzitic pebbles, where the simple, uni and bifacial exploration prevails, with the relevant presence of the levallois technique, which justifies the attribution of the whole set to the Middle Paleolithic.

Keywords: Middle Paleolithic, “Tirrenian”, Mouth of the Tagus.

1. Universidade Aberta (Lisboa), Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras) e ICArEHB; cardoso18@netvisao.pt

2. Neoépica, Lda.; neoepica@gmail.com

3. Neoépica, Lda.; neoepica@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto apresentará, em síntese, os resultados obtidos nos trabalhos arqueológicos executados no âmbito da construção do novo Campus Universitário de Carcavelos (Nova School of Business & Economics). O início dos trabalhos de arqueologia verificou-se já em fase avançada do processo de desaterro para construção da empreitada, materializando-se na avaliação dos hipotéticos impactos deste processo, através de Sondagens dispersas pelas áreas ainda por afetar (um espaço residual em relação ao total da área de obra). Os trabalhos decorreram entre Outubro de 2016 e Janeiro de 2017, tendo revelado o espólio que agora se divulga.

2. TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

O terreno onde se implanta o novo Campus Universitário, correspondia a um baldio, a Norte da Estrada Marginal, contíguo à Praia de Carcavelos a Ocidente do Forte de S. Julião da Barra. Constituiu plataforma, relativamente plana, cerca de 11-15 metros sobre o nível do mar, com pendente no sentido NE-SW (Figura 1).

Foram definidas 3 áreas (que se converteram em 4, já no decurso dos trabalhos de campo) ainda não afectadas pela empreitada, onde se implantou um conjunto de 10 sondagens de diagnóstico, num total de 55 m², por forma a aferir o potencial arqueológico da zona. A par desta medida, foi efectuado o registo de dois cortes observados na área já escavada, assim como o acompanhamento arqueológico de todas as escavações a serem efectuadas em áreas ainda não revolvidas.

Na sequência das sondagens de diagnóstico realizadas na área C, foi identificado um nível que evidenciava concentração de indústrias líticas predominantemente sobre seixos talhados. Por forma a aferir a extensão deste depósito, assim como possibilitar a recolha do maior número de artefactos, foi aberta uma vala ao longo da plataforma onde foi identificado o material (Figura 2), tendo sido possível a escavação em extensão da superfície do depósito detrítico, onde jaziam *in situ* numerosos artefactos, correspondente à “vala 12” (Figura 3).

Os trabalhos decorreram entre Novembro de 2016 e Março de 2017. As coordenadas aproximadas do local são: 38° 40' 41.88" lat N; 9° 19' 36.52" long. Do

ponto de vista geológico, o pequeno retalho de depósito detrítico plistocénico, com uma potência residual, situa-se na periferia do Complexo Vulcânico de Lisboa, que, como é sabido, é caracterizado por um elevado número de concentrações de materiais do Paleolítico Inferior e sobretudo do Paleolítico Médio. Tal retalho já tinha sido cartografado em 1935 por Paul Choffat, sob a designação de “Areias e Cascalheiras de Praias Antigas”, na Carta Geológica dos Arredores de Lisboa (Choffat, 1935). Mais tarde, este mesmo depósito viria a ser integrado no conjunto de praias levantadas atribuíveis ao ciclo Tirreniano que vão do Guincho à Foz do Tejo, com base nas respectivas altimetrias relativas, condizentes com as escassas evidências arqueológicas neles detectadas (Breuil, Zbyszewski, 1945).

A altimetria relaciona-o tradicionalmente com o último grande ciclo transgressivo anterior à actualidade, responsável pela formação de depósitos marinhos ou flúvio-marinhos cerca de 10-15 m acima do nível do mar actual. Tal depósito pode relacionar-se os retalhos que forneceram materiais arqueológicos comparáveis em locais próximos como o da Bateria de S. Gonçalo – Medrosa e o Reduto de Renato Gomes Freire de Andrade – Alto da Barra (Zbyszewski *et. al.*, 1995), resultantes de recolhas de um de nós (J. L. C.) e de outros colegas (Manuel Leitão, C. T. North), nos inícios da década de 1970, a que se juntaram as colheitas, efectuadas na mesma época, por Gustavo Marques (Cardoso, 2011), compiladas na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras (Cardoso, Cardoso, 1993). Atendendo à natureza idêntica dos contextos de recolha, assim como às analogias tecno-tipológicas das indústrias líticas recolhidas em qualquer dos locais, estes parecem integrar uma mesma realidade, referente aos restos de uma antiga praia, retalhada pela erosão e, sobretudo, pelos empreendimentos urbanísticos ali desenvolvidos desde os inícios da década de 1970. Com efeito, uma das evidências mais fáceis de verificar é a assinalável homogeneidade da natureza e pátina dos suportes, bem como da tipologia das respectivas indústrias recolhidas naqueles diversos locais, mas integrados na mesma unidade sedimentar, sendo de sublinhar desde já o contraste verificado entre as indústrias da mesma do Complexo Basáltico de Lisboa, predominantemente sobre suportes de sílex, e as dos terraços flúvio-marinhos do litoral, predominantemente sobre seixos de quartzito, introduzindo fortes diferenciações na tipologia das produções líticas dos dois complexos, apesar da sua

proximidade e contemporaneidade.

3. ANÁLISE TECNO-TIPOLOGICA DOS MATERIAIS

Foram recolhidos, quer em escavação, quer através de recolha de superfície, um total de 455 artefactos de pedra talhada. No que respeita à quantidade, a dispersão dos artefactos líticos está relacionada com o contexto de recolha, sendo que a “vala 12” ofereceu cerca de 75% do total da colecção, naturalmente por se tratar da área intervencionada com maior dimensão e desde logo dirigida ao depósito com interesse arqueológico, a par dos materiais recolhidos em sondagens próximas, provenientes da mesma unidade sedimentar. Tal situação permite conside-

rar a análise deste material de forma global, constituindo um só conjunto, correspondendo um único contexto deposição, conclusão aliás reforçada pela coerência do conjunto lítico.

As limitações a este estudo prendem-se, sobretudo, com as condições de recolha, num contexto de emergência, que não permitiram, por exemplo, aferir da presença das primeiras fases das cadeias operatórias, uma vez que não foram recolhidos os potenciais suportes em bruto, correspondentes aos próprios seixos rolados constituintes da cascalheira desprovidos de trabalho.

No respeitante à distribuição geral dos materiais recolhidos tendo presente os grandes grupos tecno-morfológicos em que se integram, os resultados sumarizam-se na Tabela 1:

U. E.	Produtos de Debitagem	Subprodutos	Núcleos	Instrumento Formal
[400]	4			
[402]	2		3	
[500]	2		1	
[601]		1		
[602]	5		3	2
[901]	2		5	
[902]	6	1	7	2
[1102]	1		1	
[1202]	112	22	131	79
[1205]	1		1	
Superfície	15	3	12	13
Limpeza	6	4	3	5

Tabela 1 – Distribuição dos materiais recolhidos por grandes grupos tecno-morfológicos.

No que respeita à gestão de matérias-primas (Tabela 2), constata-se que cerca de 90% do conjunto é constituído por suportes em quartzito, não obstante uma quantidade residual de artefactos de sílex e ainda menor de quartzito.

Cerca de 64 % dos artefactos apresentam-se frescos, havendo ainda um número importante de material rolado e muito rolado, claramente relacionado com a génese do contexto sedimentar. O sílex surge com relativa frequência, assim como outras litologias, como o basalto, em bruto, mas é evidente a preferência pelo quartzito.

Pode-se supor que esta evidência esteja relacionada com a selecção intencional da volumetria dos suportes disponíveis localmente, uma vez que foi observável durante a escavação que o sílex surge já muito fracturado, correspondente a massas de pequenas dimensões, sugerindo origem flúvio-marinha, e não uma origem continental, como é o caso dos exemplares relacionados com o Complexo Basáltico de Lisboa, oriundos dos calcários cretácicos, onde ocorrem em nódulos ou em placas.

Matéria Prima	Fresco	Rolado	Muito Rolado	Eolizado	Pátine	Total
Quartzo	7	1				8
Quartzito	204	90	32			326
Sílex	28	2	3	1	7	41
	239	93	35	1	7	375

Tabela 2 – Matérias primas e aspecto superficial.

Em relação à dispersão quantitativa das matérias-primas pelas categorias tecnológicas, (Quadro 3) salienta-se a grande desproporção existente entre os núcleos e os produtos de debitação. Muito embora com as limitações de recolha já expostas, tal realidade pode estar relacionada com modelo de explo-

ração dos suportes mais fugaz. A sub-representação dos restos de talhe também pode ser explicada por limitações na recolha dos materiais no decurso da intervenção, que não permitiu a recuperação exaustiva dos elementos de menores dimensões.

Tipo	Quartzo	Quartzito	Sílex	Total
Produtos de debitação	2	111	12	125
Sub-produtos de debitação	1	13	9	23
Núcleos	2	132	10	144
Instrumento Formal	3	70	10	83
	8	326	41	375

Tabela 3 – Relação entre tecno-morfologia e matérias primas dos suportes.

As massas nucleares concentram-se num relativamente pequeno número de categorias tecnológicas, atendendo à presença de seixos testados, assim como restos inclassificáveis, que podem ser enquadráveis em fases de preparação ou abandono das cadeias operatórias observadas.

É predominante a presença da categoria de seixos talhados unifacialmente, que representam cerca de 42% do total de núcleos. Dentro destes, há a recorrência de seixos achatados, com talhe periférico dirigido ao eixo menor, às vezes ocupando a quase totalidade do perímetro. O critério para os distinguir como núcleos prende-se com os ângulos abertos que decorrem desta debitação entre plataformas, ao contrário dos gumes observados nos exemplares considerados “Instrumentos Formais”, com evidente aptidão para serem Instrumentos *per si* (Figura 4). Por outro lado, a grande quantidade de seixos correspondentes a este tipo revelam a intencionalidade da obtenção dos produtos daqui decorrentes e não uma primeira fase de outro processo de redução.

Dentro do conjunto com caracteres de pré-determinação, encontramos, em proporção semelhante, núcleos centrípetos unificiais e Levallois (Figura 5),

com ascendência no levantamento de lascas preferenciais. O primeiro tipo pode resultar de *nuances* na abordagem técnica aos suportes, uma vez que a superfície de percussão, apresenta na maior parte das vezes forma redonda ou ovóide, que pode dispensar uma preparação ao longo de todo o perímetro, ilação que carece de um estudo mais aprofundado. Por outro lado, os núcleos Levallois, não têm, em alguns casos, a totalidade da superfície de percussão talhada, encontrando-se apenas a preparação no lugar para o impacto conducente à obtenção da lasca preferencial. (Tabela 4)

As lascas simples com comprimento superior a 2,5 cm correspondem a cerca de 91% do total dos produtos de debitação e 1/4 do total da colecção. Já as lascas associadas a métodos com predeterminação de forma surgem claramente sub-representadas em relação aos núcleos, tendo sido registadas apenas 2 lascas Levallois. (Tabela 5)

Dos utensílios sobre lasca, releva-se a presença de 26 artefactos do tipo lasca retocada, 2 denticulados e 3 raspadores, número muito baixo em relação à frequência de lascas simples, com as mesmas características morfológicas. Apesar de carecer de um es-

Núcleos	Quartzo	Quartzito	Sílex	Total
Nódulo/ seixo testado		8	1	9
Seixo/bloco talhado unifacialmente	1	59		60
Seixo/bloco talhado bifacialmente		12		12
Paralelipipédico		2		2
Poliédrico	1	7	2	10
Centrípeto unifacial		10		10
Discóide		1		1
Levallois preferencial		8		8
Levallois recorrente		2		2
Sobre Lasca		6	1	7
Fragmento		16	4	20
Esgotado		1	2	3
	2	132	10	144

Tabela 4 – Matérias-primas dos suportes nucleares.

Debitagem	Quartzo	Quartzito	Sílex	Total
Lasca pequena	1	7	1	9
Lasca grande	1	102	11	114
Lasca Levallois	0	2	0	2
	2	111	12	125

Tabela 5 – Relação entre a matéria-prima e as dimensões dos produtos de debitagem.

Instrumento Formal	Quartzo	Quartzito	Sílex	Total
Lasca retocada	1	20	5	26
Fragmento retocado		9	1	10
Núcleo retocado		1		1
Denticulado	1	1		2
Raspador		11	1	12
Truncatura sobre lasca laminar			1	1
Lasca com sinais de uso		1		1
Seixo talhado unifacialmente	1	22		23
Seixo talhado bifacialmente		3	1	4
Bíface		1		1
Ponta de seta		1	1	2
	3	70	10	83

Tabela 6 – Distribuição das matérias-primas dos instrumentos formais.

tudo mais aprofundado, nomeadamente através da análise traceológica das peças não retocadas, pode apontar-se para uma utilização expedita das lascas, sem haver lugar a retoque, sempre pontual.

Há ainda um conjunto importante de seixos talhados, relacionados tipologicamente com *Chopper/Chopping Tool*, todos sobre seixos quartzíticos (Figura 4).

As características deste conjunto aproximam-no singularmente do conjunto recolhido no sítio da Conceição, Alcochete, parcialmente escavado aquando da construção dos acessos à Ponte Vasco da Gama (Raposo, Cardoso, 1997, 1998). Com efeito, os materiais recolheram-se igualmente num terraço baixo do Tejo, a cerca de 8-15 m de altitude, e evidenciaram um modelo de exploração a partir de pequenos seixos de quartzito no decurso do Paleolítico Médio, muito semelhante ao identificado na estação agora estudada. Por outro lado, estas indústrias devem ser comparadas com as estações do “Complexo Vulcânico de Lisboa”, constituindo quase uma mancha contínua na área de maior densidade correspondente à região da Amadora/Borel/Queluz de Baixo/Damaia. Um estudo exaustivo, envolvendo a caracterização tipológica das ocorrências mais próximas da área onde se localiza a estação agora estudada (Cardoso; Zbyszewski; André, 1992), possibilitará, futuramente, o estabelecimento de comparações sustentadas que permitam verificar até que ponto as profundas diferenças nas características das matérias-primas utilizadas em ambos os casos determinaram, ou não, características tipológicas distintas, nas correspondentes indústrias.

4. CONCLUSÕES

A intervenção arqueológica realizada pela empresa Neoépica Lda., no âmbito da minimização dos impactes ao nível da Arqueologia decorrentes da construção em Carcavelos, da *Nova Scholl of Business and Economics*, permitiu observar directamente a existência de uma “cascalheira”, posta a descoberto em diversas sondagens, mas sobretudo numa larga extensão em resultado da abertura de uma vala (vala 12).

Tal “cascalheira” assentava no substrato geológico, afigurando-se de potência residual, ou mesmo faltando em diversos trechos postos das áreas escavadas, a qual se encontrava, por sua vez, coberta por depósitos modernos pouco consolidados, desprovidos de interesse arqueológico.

No respeitante à “cascalheira”, a sua formação deveu-se essencialmente à dinâmica flúvio-marinha, podendo relacionar-se com as praias elevadas de 10-15 m existentes em diversos locais envolventes do actual estuário do Tejo, sendo constituído predominantemente por seixos de quartzito bem rolados, de dimensões médias, os quais, em parte, poderiam

também ter provindo do desmonte de depósitos situados a cotas mais elevadas, ulteriormente retrabalhados pelo mar antes da sua derradeira deposição. Trata-se, com efeito, de cascalheira residual correlacionável com antigo nível marinho plistocénico, a qual já se encontrava assinalada na respectiva Carta Geológica. Com efeito, nos terrenos adjacentes, correspondentes ao local onde actualmente se implanta a urbanização do Alto da Barra, bem como na antiga estrada da Medrosa, foram anteriormente recolhidos, em formações geológicas integráveis na mesma unidade sedimentar, indústrias em tudo semelhantes às agora estudadas, embora em muito menor número, tanto à superfície, como nos cortes abertos para as fundações dos edifícios actualmente ali existentes. As características, tanto dos depósitos, como dos materiais neles então recolhidos, permitem concluir que o conjunto agora estudado se integra nas recolhas avulsas efectuadas nas décadas de 1940 e de 1970.

Deste modo, pode concluir-se que a “cascalheira” agora posta a descoberto pela escavação, deverá corresponder à parte terminal de um único depósito contendo materiais arqueológicos semelhantes.

Assim sendo, dado que: 1) o interesse arqueológico do local ficou devidamente salvaguardado pelos trabalhos arqueológicos já realizados, que conduziram à sua cabal caracterização; 2) tendo presente que tal de caracterização concluiu-se tratar-se de cascalheira residual, constituída por escassos elementos detriticos remobilizados de uma zona onde tal formação assumia muito maior importância; 3) considerou-se que não se justifica a prossecução dos trabalhos arqueológicos através da realização da abertura de mais sondagens, até porque as áreas ainda intactas dos depósitos foram integralmente investigadas, no respeitante ao espaço interessado pela construção do complexo universitário actualmente em curso.

A natureza dos depósitos e a tipologia dos materiais líticos agora estudados é comparável com os extensos mantos detriticos identificados e em parte objecto de escavação arqueológica no sítio da Conceição, Alcochete, os quais se desenvolvem a cotas semelhantes, contendo *in situ* indústrias do Paleolítico Médio com idênticas características.

Com a análise tecno-tipológica do presente conjunto, foi possível conhecer, pela primeira vez, as características dominantes das indústrias executadas a partir da exploração de seixos quartzíticos, relacio-

nadas com os depósitos detríticos flúvio-marinhos da margem direita do estuário do Tejo. Deste modo, a informação assim obtida será indispensável para o ulterior estabelecimento de comparações com as indústrias do “Complexo Vulcânico de Lisboa”, designadamente avaliar até que ponto a imposição de uma matéria-prima distinta condicionou as características tecno-tipológicas de ambos os conjuntos, realidade que importa investigar em detalhe.

BIBLIOGRAFIA

BREUIL, Henri; ZBYSZEWSKI, Georges (1945) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques et leur rapport avec la Géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du litoral d'Estremadura et des terraces fluviales de la basse vallée du Tage*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 26).

CARDOSO, João Luís (2011) – *Arqueologia do concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior Arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, João Luís; CARDOSO, Guilherme (1993) – Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4).

CARDOSO, João Luís; ZBYSZEWSKI, Georges; ANDRÉ, M. C. (1992) – O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 3).

CHOFFAT, Paul (Coord., 1935) – *Carta Geológica dos Aredores de Lisboa na escala de 1/50000. (folha 3 – Cascais)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal

RAPOSO, Luís; CARDOSO, João Luís (1997) – Nota preliminar – trabalhos arqueológicos no sítio do Paleolítico Médio da Conceição. *Al-Madan*. Almada. Série II, 6, pp. 5-13.

RAPOSO, Luís; CARDOSO, João Luís (1998) – *O sítio do Paleolítico Médio da Conceição (Alcochete)*. Lisboa. Centro de Estudos e Monitorização Ambiental da Lusoponte.

ZBYSZEWSKI, Georges; CARDOSO, João Luís; LEITÃO, Manuel; NORTH, C. T. (1995) – A jazida paleolítica do Reduto de Renato Gomes Freire (Alto da Barra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, pp. 11-21.



Figura 1 – Localização do sítio (Fonte: <http://maps.google.com/>).



Figura 2 – Vista geral da “Vala 12”.



Figura 3 – Pormenor, em plano, do depósito com materiais líticos *in situ*, na Sondagem 9.

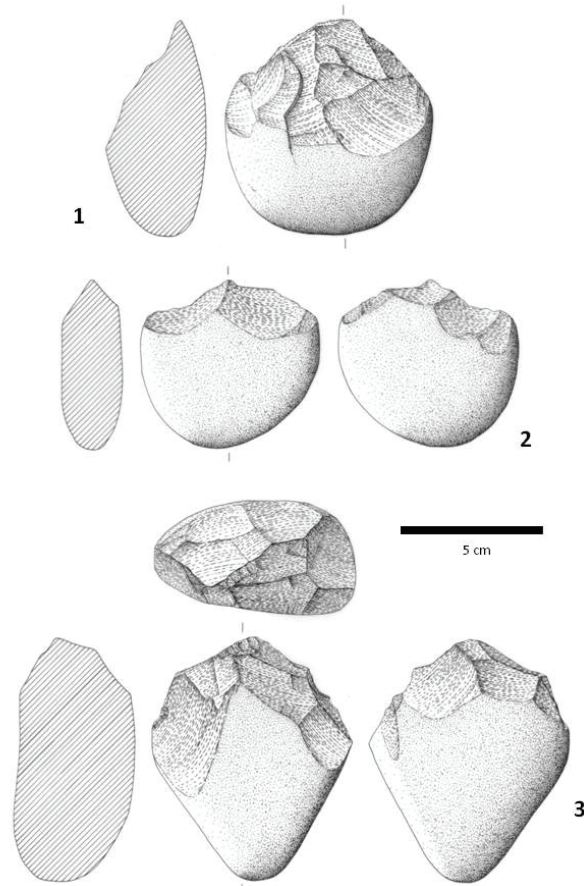


Figura 4 – 1 e 2: seixos talhados unifacialmente; 3: seixo talhado bifacialmente. Desenhos de Filipe Martins (CEACO/CMO).

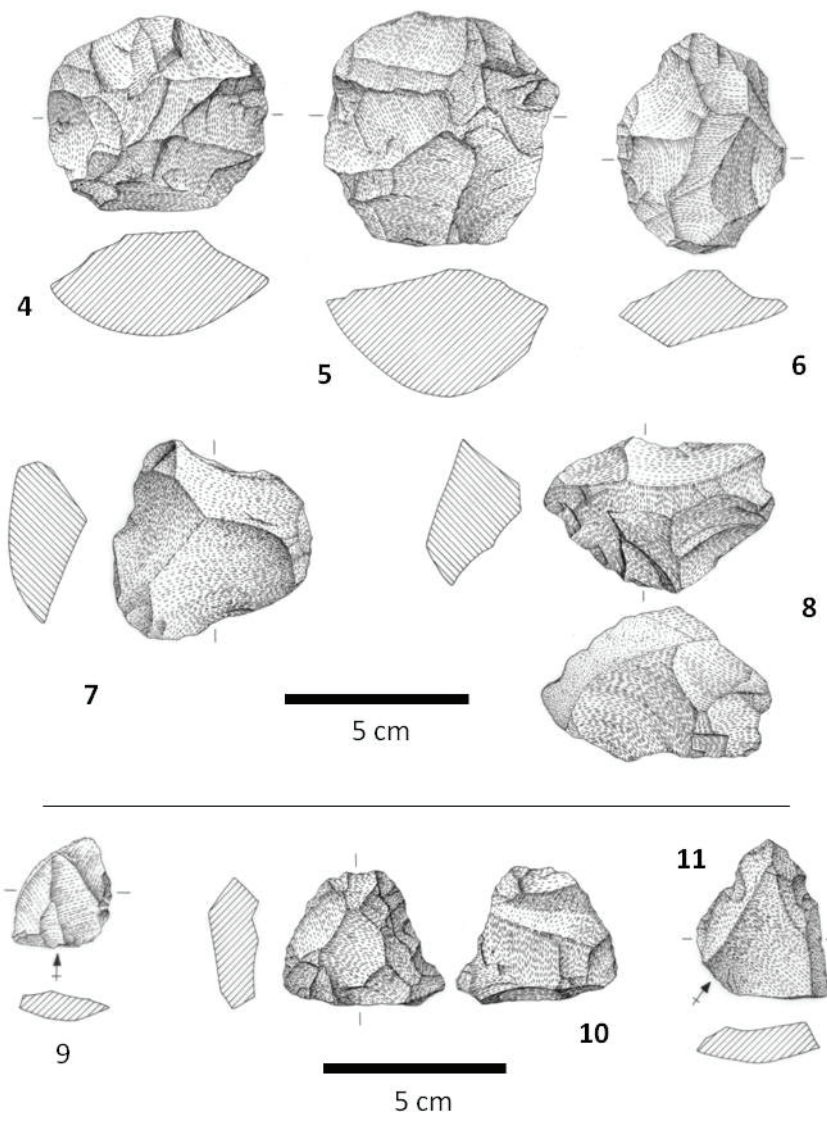
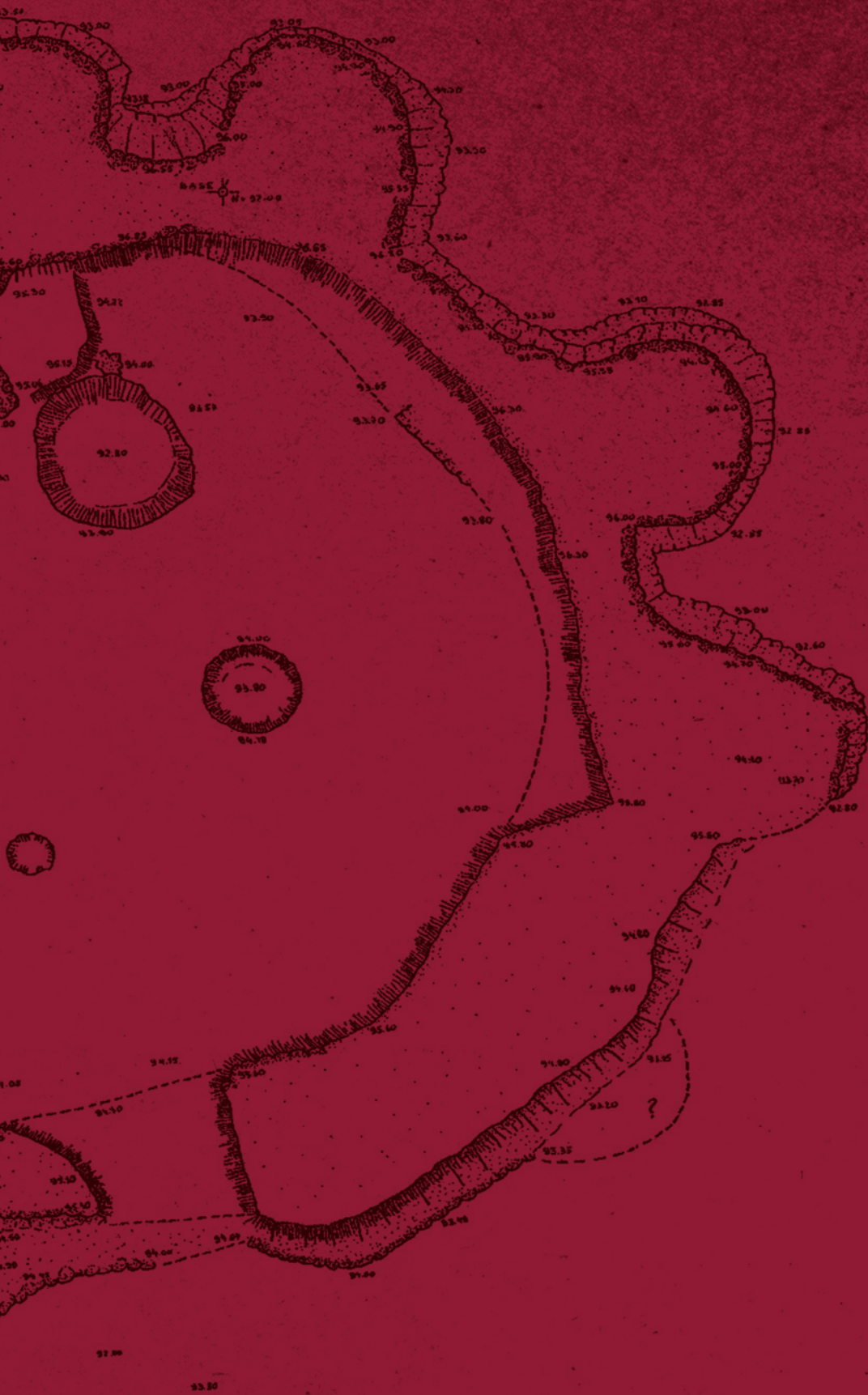


Figura 5 – 4 a 6: núcleos centrípetos unifaciais; 7 e 8: núcleos Levallois; 9 e 10: lascas Levallois; 11: lasca Levallois retocada. Desenhos de Filipe Martins (CEACO/CMO).



Patrocinador oficial